

REPORTAGEM DE GUERRA DAS DUAS FRENTES LITERARIAS ALEMAS *

Christine Wischmann **

Aparentemente de súbito, em meio a uma onda sentimental de distensão entre as duas nações alemãs, irrompeu há alguns meses pequeno círculo de guerreiros das Alemanhas Ocidental e Oriental, fortemente armado com lápis e máquina de escrever, e travou tão acirrado combate nos periódicos *Der Spiegel* e *Die Zeit* como até então não se vira em potência e qualidade. Sob entusiástica incitação dos leitores, alvejou-se a boa fama de mais de um literato. A trégua provisória nos oferece a oportunidade de uma primeira síntese.

As anteriores relações entre literatos e teóricos da literatura da RFA e da RDA, após longos anos de guerra fria, isto é, quando ambas as partes reivindicavam para si a representação da totalidade ("somente nós, a RFA, respectivamente a RDA, somos hoje os continuadores da herança literária de nossos antepassados comuns") terminaram num acordo rosento, em que se atestava mutuamente a existência de uma UNICA literatura alemã, a qual porém, em virtude da cisão econômico-política, representa "menos que nunca uma unidade no sentido da inconteste homogeneidade de conteúdos e formas literárias"¹. Um intercâmbio cultural entre as duas nações não se realizou senão em âmbito restrito, embora se enfatizasse a boa vontade de ambas as partes no Acordo Básico de 1972.

Enquanto na RDA somente poucos autores alemães ocidentais (como Heinrich Boell, Siegfried Lenz e Peter Weiss) se tivessem tornado

** Christine Wischmann nasceu em Berlim. Formou-se em jornalismo, cursou a Universidade Livre de Berlim. Como bolsista, permaneceu de 1970 a 1972 no México e no Chile. Doutorou-se em Berlim, com a tese «Estrutura, ideologia e recepção da fotonovela mexicana». Desde dezembro de 1974 é lente de Língua e Literatura Alemã do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD) na Universidade Federal do Paraná.

* Traduzido por Adelaide Rudolph, Licenciada em Letras, Coordenadora dos Cursos do Instituto Cultural Brasileiro-Germânico/Goeth-Institut Curitiba.
1 HARICH, Wolfgang. Apud LINDEMANN, Hans & MUELLER, Kurt. *Auswärtige Kulturpolitik der DDR*. Bonn, Neue Gesellschaft, 1974. p. 37.

acessíveis até mesmo àquele público que não se contava entre os camaradas do partido com privilégio de informação, as editoras alemãs ocidentais, com o zelo ambíguo do capitalista, que fala de liberalismo onde só procura novos mercados lucrativos, publicaram numerosas obras da RDA. Em todo caso, dessa forma, se possibilitou ao público da Alemanha Ocidental uma orientação relativamente livre e a convicção de que, ao lado de uma literatura alemã ocidental, há muito universalmente reconhecida, ia-se desenvolvendo igualmente nesse intervalo de tempo uma literatura alemã oriental com valor artístico próprio.

Apesar disso, alguns papas da literatura alemã ocidental em seus escritos sobre o tema "Literatura da RDA" não recearam continuar avivando os brios alemães ocidentais, por exemplo, quando Marcel Reich-Ranicki, ainda em 1974, registrava em tom condescendente:

Realmente, Christa Wolf (RDA) se orientou com aplicação na prosa alemã recente [segue uma relação de autores exclusivamente ocidentais], Rolf Schneider (RDA), é preciso dizê-lo, estudou muito atentamente, por vezes também com proveito, **O tambor de lata, Gato e rato**, bem como **Anos de Cão** todos do alemão ocidental Guenter Grass).²

Já no ano de 1972, porém, num julgamento brilhante,³ cujo estilo e conteúdo fizeram parar de admiração o coração dos leitores, um autor da RDA, Wolfgang Harich, acusava de charlatanismo um conhecido autor da RDA (um correligionário portanto). Este último lera uma peça de Shakespeare e, segundo Harich, simplesmente reduzia algo e desfigurara outro tanto, acompanhando a moda internacional de terror e pornografia, vendendo-o descaradamente como produto próprio. Em busca da paternidade intelectual desta tendência, Harich desencavou uma porção de autores alemães ocidentais que há muito se haviam entregado ao mesmo vício. "Decadência artística!", exclamou revoltado. Bem entendido, original em sua crítica, era a contestação não mais apenas dos conteúdos "decadentes burgueses tardios", mas das negociações visivelmente contagiosas com a própria fama artística e, sobretudo, a polêmica em torno da forma literária.

O contra-ataque não se fez esperar: o autor alemão ocidental Hartmut Lange declarou da sentença de Harich, que ela "cheirava a hálito de província stalinista"⁴. Um literato com vida interior⁵, isto

2 REICH.RANICKI, Marcel. *Zur Literatur der DDR*. Muenchen, Piper, 1974. p. 120, 130.

3 *Literaturmagazin*, Reinbeck bei Hamburg (1), 1973.

4 LANGE, Hartmut. Wolfgang Harichs Angst vor dem Kulturzerfall. *Literaturmagazin*, Reinbeck bei Hamburg (1):125, 1973.

5 O conceito do «literato movido interiormente» é de autoria de David Riesmann, cunhado em sua obra *Die einsame Masse*.

é, aquele que em sendo necessário, sacrifica uma vida inteira para criar algo artisticamente novo, não teria hoje qualquer possibilidade de sobrevivência, tanto de um lado como de outro, e que se pode reconhecer como tais "as realizações literárias não só em suas orgasmos" ⁶.

Palavras verdadeiras? A desconfiança dos consumidores contra a pululante produção literária encontrara pelo menos um porta-voz e se propagava secretamente.

Então em abril de 1975, W. Harich reiniciou o ataque no periódico da RFA *Der Spiegel*⁷. Estava em discussão a obra *Karl Marx — eine politische Biographie* (*Karl Marx — uma biografia política*) do alemão ocidental (ex-marxista) Fritz J. Raddatz. Com chicotadas verbais, W. Harich denunciou este livro como "psicologia barata" (o autor relatara intimidades da vida de Marx), como "comércio regateador" (por páginas e páginas o autor somente fizera citações), como "deturpação de fatos" e como "plágio" (de uma outra biografia). Novamente, pois, os mesmos reproches: cópia com adorno pornográfico.

Uma enxurrada de cartas de leitores se abateu sobre o periódico, levada adiante, de edição em edição, pela tempestade alternada da indignação e do aplauso. As manifestações favoráveis a Harich trouxeram à luz outros turvos exemplos das obras de Raddatz, a oposição investigava as esferas privadas (buscava-se intrigar Raddatz "salvo do marxismo" com Harich "tornado doutrinário" por anterior pena de prisão), e os liberais imploravam "sejam amigos uns dos outros".

Mais ou menos neste último sentido igualmente se expressou, ao ser consultado, o astro da literatura da RFA, Guenter Grass, que por meio de pilhérias hiperbólicas desaprovava a crítica de Harich ("não se precisa logo agarrar a picareta com que se matou Trotzki, uma expressão jeitosa dá no mesmo")⁸, mas que, além disso, mal conseguia tornar aceitável sua defesa do biógrafo. De pronto, os galgos começaram a caçá-lo também. Atestaram ao astro desvanecente, entender ele desse tema tanto "quanto um padre católico do parto".⁹

Finalmente, a exausta matilha de leitores ficou com a língua de fora. Somente um, não deu sossego: o vexado biógrafo Raddatz. No reconhecimento, em todo caso sábio, de que não sobreviveria a uma página num duelo vocabular com o encolerizado Harich, Raddatz aproximou-se sorrateiramente no periódico *Die Zeit*¹⁰ do autor mais inofensivo da RDA, Rolf Schneider. Comparou-lhe o novo romance com a obra de outro autor e exclamou triunfante: "Plágio!" Como porém, à execução de generalizada coincidência temática, lhe faltassem provas precisas, abandonou enfim o romance, com a ridícula afirma-

6 LANGE, p. 127.

7 *Der Spiegel*, Hamburg, 21 Apr. 1975, n. 17.

8 *Der Spiegel*, Hamburg, 12 Mai 1975, n. 20.

9 *Der Spiegel*, Hamburg.

10 *Die Zeit*, Hamburg, 23 Mai 1975, n. 21.

ção de não ser esse literatura pois cada palavra se referia apenas a si mesma.

O periódico, por malícia ou troça, publicou junto à crítica um artigo do agredido autor da RDA (Schneider), em que este lastimava a "repugnante benevolência" e a "falsificação da informação" com que se apresenta a literatura da RDA no ocidente. Exemplificando, citou — e como poderia ser de outro modo — uma obra de Raddatz. Como se continuaria agora (de novo Raddatz contra Schneider e assim por diante), pouco ainda interessava, pois destarte voltava-se a cair na lamentação ideológica generalizada. Em fins de junho de 75 proclamou-se, com acenos conciliadores de cá e de lá a primeira trégua.¹¹

Num artigo conclusivo, um autor da RDA¹² chamou a "Blitzkrieg" verbal de "combate de retaguarda da guerra fria", um jornalista da RFA,¹³ pelo contrário, considerou-a "possível conversação preliminar" entre a RDA e a RFA, ainda encoberta "pelo ruído da polêmica tosse literária". Razão tinham ambos — e também não. Pois uma escaramuça intelectual vai e deve ser sustentada sempre entre nações de estrutura sócio-política tão diversa, caso uma das partes não se queira por em dúvida a si mesma. Por que, por outro lado, a disputa apenas teria preparado o caminho para um diálogo? Pois que já se trata de um. Os "pégaços" ideologicamente enfreados que durante anos montaram guarda de ambos os lados da fronteira (a maliciosa tolerância dos críticos ocidentais e os protestos de espanto dos críticos orientais perante a "decadência burguesa") há muito eram matungos envelhecidos, a cujas caudas, quando muito, se poderia pendurar a última infantaria intelectual. Só a brilhante polêmica literária de um solitário os pudera outra vez despertar para uma nova vida.

Tanto facciosos como espectadores podem inferior do todo duas conclusões. Primeiro, que se deve corajosamente chamar pelo nome a mania gananciosa de plágio de muito literato. Segundo, que, por meio de lugares comuns negativos sobre literatura ideologicamente malvista, se tira toda possibilidade de autêntico debate. Um teórico da literatura, caso mereça essa denominação profissional, não é um cortesão que recusa comunicar-se com o embaixador de outras ideologias enquanto faz mesuras ao reluzente deus "Arte".

REFERÉNCIAS BIBLIOGRAFICAS

- LINDEMANN, Hans & MUELLER, Kurt. *Auswaertige Kulturpolitik der DDR*. Bonn, Neue Gesellschaft, 1974. 212 p.
- LITERATURMAGAZIN. Reinbeck bei Hamburg, n. 1. 1973. 225 p.
- REICH-RANICKI, Marcel. *Zur Literatur der DDR*. Muenchen, Piper, 1974. 166 p.
- DER SPIEGEL. Hamburg, n. 17-22, 1975.
- DIE ZEIT. Hamburg, n. 21-25, 1975.

11 Diga-se de passagem, a controvérsia Harich-Raddatz teve ainda consequências jurídicas, que perduram até o momento.

12 KUNERT, Guenter. *Die Zeit*, Hamburg, 20 Juni 1975. n. 25

13 MICHAELIS, Rolf. *Die Zeit*, Hamburg, 23 Mai 1975. n. 21.

Resumo

Em princípios do verão europeu de 1975, divulgou-se em periódicos alemães ocidentais uma singular e renhida polêmica literária. Causador foi um filósofo alemão da RDA, que através de publicações alemãs orientais e ocidentais, há algum tempo se voltara contra a moda literária de compilar e sexualizar, e cuja atual crítica contra uma biografia alemã ocidental de Marx, todavia, se tornou a causa imediata de uma disputa multiplicadora. Paradoxalmente, por meio dessa disputa, entendidos em literatura alemã ocidental e oriental lograram maior aproximação.

Zusammenfassung

Im Fruehsommer 1975 wurde in westdeutschen Zeitschriften eine ungewöhnlich scharfe Literaturpolemik ausgetragen. Urheber war ein ostdeutscher Philosoph, der sich schon seit längerem in ost — und westdeutschen Veröffentlichungen gegen die literarische Mode des Kompilierens und des Sexualisierens gewandt hatte, dessen jetzige Kritik an einer westdeutschen Marx-Biographie jedoch zum Anlass einer eskalierenden Fehde wurde. Paradoxerweise sind sich durch diesen Streit west — und ostdeutsche Literaturkenner ein Stück nähergerückt.